

**JE EST UN AUTRE:
AS “FACES” DO SUJEIT
NA ESCRITA DIARÍSTICA DE C. E DE K.**

Jocelma Boto Silva (UESB)

jocelmaboto@gmail.com

Márcia Helena de Melo Pereira (UESB)

marciahelenad@yahoo.com.br

RESUMO

A escrita de diários se dá na intimidade e na solidão do sujeito, por isso, ele é livre para conduzir sua escrita sem se preocupar com a avaliação de terceiros. Desse modo, o diarista deixa marcas de si que retratam seu estado emocional e eternizam as angústias, alegrias, tristezas e demais sentimentos que o afetaram entre as páginas do diário. Além disso, o sujeito escreve as “faces” que ele assume no diário: apaixonado, irônico, religioso, entre outras. Acreditamos que essas “faces” são escritas a partir da intercalação entre intenção do sujeito e a captura pelo discurso, como propõe Possenti (2002). A partir desse princípio teórico, investigamos a escrita de duas diaristas comuns que compuseram seus textos desvinculados do desejo de publicação. Buscamos na escrita de K. e de C. as “faces” que esses sujeitos assumiram. Para comprovarmos nossa hipótese, dividimos nossas investigações em duas partes: a leitura do conteúdo escrito e a promoção de uma entrevista com as autoras. Por meio dessas etapas, pudemos elencar as “faces” explícitas de C. como mãe, esposa, religiosa, e o rosto oculto de uma adolescente escondida entre as atividades cotidianas desse sujeito. Na escrita de K., nos deparamos timidamente com uma filha, irmã, amiga e com uma namorada que direcionava toda a narração. Lidamos, pois, com uma moça conscientemente apaixonada que nos surpreendeu com um lado irônico que caracterizou sua narrativa sobressaindo outras “faces”. Concluímos, então, que o sujeito do diário é “outros” que surgem consciente ou inconscientemente afetados pelos sentimentos vivenciados por ele.

Palavras-Chave: Autobiografia. Diário pessoal. Escrita íntima. Estilo.

1. Introdução

Para que serve um diário? Qual a razão para mantê-lo? Essas respostas são variáveis! Dependem muito da razão pela qual o indivíduo foi induzido a escrever sobre os fatos da sua vida: por curiosidade, pelo desejo de expressão, pela vontade de se conhecer, de marcar sua existência, por imitação, ou simplesmente por razão nenhuma aparente, entre tantas outras. Uma vez iniciado, o diário assume diversas funções para o autor, deixando de ser simplesmente uma vida listada no papel para, inclusive, tornar-se um gênero discursivo complexo, recheado de particularidades. Gênero esse que ainda não foi totalmente desvendado.

No senso comum, temos o diário como uma atividade discreta, passageira ou durável, irregular, antiga e comum, corriqueira e irrelevante: qualquer um pode ter um diário! Qualquer pessoa pode iniciá-lo sem aviso prévio, pode retomar à sua prática após anos, pode encerrá-la a qualquer instante. A única coisa que não é tão comum é o compartilhamento dessa atividade. Do mesmo modo que as pessoas se sentem motivadas à produção do diário, sentem-se instigadas a mantê-lo no mais absoluto sigilo, salvo alguns casos pontuais: tratamento psicológico ou descaço para com o fato de que alguém possa ler o conteúdo do texto.

Devido a esse olhar empírico sobre as práticas do diário, durante muito tempo não se investigou o gênero a partir das manifestações cotidianas; ao contrário, as investigações estiveram, inicialmente, acopladas ao cânone literário, ou seja, eram análises dos grandes diários de autoria de pessoas ilustres ou representativas, ou de textos fictícios que possuíam um teor literário. Consequentemente, por muito tempo ignorou-se o caráter mais simples do diário: o dia a dia, como sugere a própria palavra. Ao acentuar os olhares direcionados para as grandes obras, desconsiderou-se o fato de que o diário é construído no dia a dia e sobre o dia a dia, por pessoas comuns. Ao fazermos essa ressalva, não estamos descaracterizando a relevância das grandes obras, apenas apontando que, antes de se tornar uma obra reconhecida nacional e mundialmente, o diário é construído no cotidiano, abarcando os fatos corriqueiros sobre os dias de determinado sujeito. É também do caráter comum e simples do diário que pode nascer uma grande obra literária.

O diário se dá no calor do momento, no instante em que o diarista se vê entusiasmado a recontar os fatos mais interessantes de seu dia. Por meio dele, transcrevem-se pensamentos e sentimentos que são únicos em determinados momentos e que ficam eternizados pela escrita. Cada palavra que foi escolhida para a escrita assume um papel importante para a configuração do diário, que registra as sensações de momentos específicos.

Mas o diário é muito mais complexo que um “quarto de despejo” ou que um “ícone de memória”, como se avalia normalmente. Ele pode assumir várias funções e características que o singularizam diante dos demais gêneros da esfera autobiográfica, pois o diarista pode deixar marcas de si que, muitas vezes, não havia projetado. Essas marcas, por sua vez, apresentam as “faces” e fases pelas quais o diarista está envolto. Ou seja, a escrita eterniza as sensações que o diarista optou por registrar, mas também guarda sensações que muitas vezes ele não imaginou serem tão

reveladoras de si mesmo e da sua personalidade. Diante dessa possibilidade, surgiu o questionamento que fazemos, neste artigo: quais são as “faces” que um diarista pode deixar durante sua escrita? Seriam todas elas intencionais? Para respondermos a essas perguntas, analisaremos dois diários inéditos produzidos por duas mulheres desconhecidas, em busca das “faces” que elas assumiram, na escrita. Nessa análise, apresentaremos imagens das produções diarísticas para ilustrar nossas reflexões e trechos de uma entrevista gravada em áudio que fizemos com elas, questionando-as a respeito de suas escritas.

Inicialmente, vamos conhecer um pouco a respeito desse gênero que, de tão pessoal, revela pouco de si.

2. Gênero diário pessoal

Para fundamentarmos nosso conceito de gênero, recorremos a Bakhtin (1997, 2004). O filósofo russo entendeu a linguagem humana como um fenômeno de construção social e como produto da interação entre os sujeitos de modo que, para ele, a linguagem tem estreita relação com a história, com a cultura e com a sociedade.

Além disso, o autor considerou que toda atividade de comunicação verbal se dá por meio do enunciado, caracterizando-o, assim, como produto da língua. Todo enunciado (oral ou escrito) traz em si características peculiares às situações de comunicação, pois eles estão relacionados a alguma esfera/campo de atividade humana – jurídica, jornalística, religiosa etc. Essas esferas elaboram seus tipos *relativamente estáveis de enunciados*, aos quais Bakhtin (1997) denominou *gêneros do discurso*. Os gêneros refletem as características e apontam as finalidades de cada esfera a partir do conteúdo temático, do estilo e da construção composicional do enunciado.

Partindo das postulações de Bakhtin, compreendemos o diário como um gênero pertencente à esfera autobiográfica que comporta os demais gêneros que abarcam a escrita íntima. De maneira geral, o diário pode ser compreendido como “uma série de vestígios datados” (LEJEUNE, 2014, p. 299), ou seja, como um conjunto de sinais que o indivíduo deixa sobre si em textos que escreve com essa finalidade. Notemos que essa primeira definição não aborda a destinação, a forma e o conteúdo do diário, pois esses itens são variáveis. No entanto, existe um consenso quanto à formatação do diário: a fragmentação e a repetição. A

partir disso, com base em Lejeune (2014), situamos o gênero como uma série de vestígios fragmentados e repetitivos.

Essa série de vestígios não precisa, rigorosamente, obedecer a uma sequência ininterrupta. Afinal, o diarista pode escrever os fatos de dois ou mais dias em uma única entrada², pode deixar a prática e retomá-la mais tarde e, ainda desse modo, não cair em outro gênero, como a autobiografia, por exemplo.

Ainda segundo Lejeune (2014), por ser uma escrita que visa marcar o tempo, a base do diário é a datação. Essa marca é fundamental para caracterizar o gênero, tanto que a sua ausência pode implicar a ocorrência de outro gênero da esfera autobiográfica, como as memórias, por exemplo. Ainda que a data não esteja, a rigor, especificada no alto da página, ela deve ser indicada mesmo que seja no decorrer do texto. Esse tipo de indicação tem o propósito de marcar a data de ocorrência de determinado fato. Outros elementos também costumam fazer parte da configuração de um diário, como a inserção de imagens, fotografias, recortes, poemas e tantos outros recursos, com o propósito de auxiliar na ilustração do diário e de contribuir para a preservação da memória. Ao adotar esses recursos, o diarista foge de uma estrutura mais padronizada do gênero e aponta características mais subjetivas.

Lejeune (2014) afirma que o diário tende para a fragmentação. Ainda que se tenha o desejo de se dizer tudo, isso não passa de uma ilusão. No ato da escrita, sempre ficarão lacunas, itens mal explicados, abordagens indefinidas e temas que não foram sequer tocados. A questão é lógica: o diarista deve, dentro de alguns minutos, lembrar-se de tudo o que lhe ocorreu e descrever de forma coerente o que lhe parece relevante ou prudente para deixar no papel. Essa ação por si só já implica em lacunas: a escrita se dá a partir da seleção dos fatos. Além disso, é uma escrita repetitiva: o diarista pode retomar os fatos, redizê-los, adotar uma estrutura formal muito semelhante ou simplesmente não contar muitos acontecimentos. Essas questões justificam o caráter lacunar e repetitivo, comum ao gênero.

² Philippe Lejeune (2014) nomeia por "entrada" ou "registro" toda narração que está escrita sob uma mesma data. Nessa pesquisa tomaremos a nomenclatura sugerida pelo autor para nos dirigirmos aos textos escritos pelos diaristas.

3. *Je est un autre*

A escrita de diários trata sobre os dias de alguém, por isso esse alguém tem a sua personalidade eternizada por meio da escrita. Ou seja, muitos detalhes desse indivíduo estão disponíveis entre as páginas do diário. Mas, perguntamos: esse alguém que escreve sobre si teria essa consciência e manipularia todos os indícios que gostaria de preservar durante a sua escrita? Ou, ao contrário, seria afetado pela sua escrita e não influenciaria propositalmente sobre as “marcas” de si deixadas no diário? Ou, ainda, seria um meio termo: consciente dos indícios, mas capturado pelo discurso que realiza? Para responder a estes questionamentos, apresentaremos algumas concepções sobre sujeito antes de mostrarmos como estamos nos posicionando a esse respeito.

De um lado, há o sujeito psicológico, o qual Koch (2003) encara “como um *ego*³ que constrói uma representação mental e deseja que esta seja ‘captada’ pelo interlocutor da mesma maneira como foi mentalizada”. (KOCH, 2003, p. 14). Dito de outra maneira, esse sujeito seria o senhor da sua vontade e exterioriza seu pensamento sem que a haja a necessidade de reflexão sobre ele. Isso pode ser justificado pelo fato de que essa visão sobre o sujeito está relacionada à concepção de língua como expressão do pensamento, segundo a qual se desconsidera o contexto de produção do ato comunicativo sobre a linguagem.

O sujeito do diário pode apresentar traços desse sujeito psicológico, no entanto não pode ser compreendido somente como tal. Ainda que se tenha a ilusão de escrever somente aquilo está projetado mentalmente e se tenha uma intenção e consciência determinada para a escrita, algumas questões “escapam” durante o ato. A escrita íntima por si só é muito subjetiva, os sentimentos são abstratos, por isso as evidências despercebidas que o diarista deixa sobre si alimentam a noção de escapamento. Esse “escapamento” demonstra que o sujeito do diário não é totalmente dono da sua vontade, portanto não é um sujeito inteiramente psicológico.

Por outro lado, há o sujeito assujeitado, preconizado pela análise do discurso francesa. Compreender o sujeito do diário como assujeitado ao discurso, para nós, seria descaracterizar qualquer entrada mais subjetiva do diarista durante a produção do texto, fato que nos parece muito

³De acordo com o pensamento de Freud, o ego é o responsável pelo tanto do psiquismo com a realidade e atua de acordo com esse princípio. É ainda o componente psicológico da personalidade responsável pelos sentimentos, percepção, memória e pensamentos.

difícil, pois acreditamos que o sujeito deixa marcas de si, do seu próprio dizer durante esse ato. Portanto, o assujeitamento total é, para nós, muito radical, pois consideramos que existam marcas do sujeito nesse texto, sobretudo porque se trata de um gênero mais maleável e que, a nosso ver, possibilita um manuseio mais individual.

Diante desse impasse, necessitamos de uma visão de sujeito que se posicione entre o sujeito psicológico e o assujeitado. Encontramos essa visão em Possenti (2002), que considera extremos os preceitos da análise do discurso francesa e propõe uma intercalação entre eles e as concepções sobre o sujeito psicológico. Para isso, o autor apresenta as seguintes postulações:

- 1- Os sujeitos são integralmente sociais e históricos e integralmente individuais – para evitar o subjetivismo desvairado e a identificação do sujeito como uma peça;
- 2- Cada discurso é integralmente histórico e social e integralmente pessoal e circunstancial – para evitar a ideia de que o sujeito é fonte de seu discurso e a de que é o discurso que se dá;
- 3- Cada discurso é integralmente interdiscurso e integralmente relativo a um mundo exterior – para evitar a ideia de que o discurso refere-se diretamente às coisas e a de que tudo é discurso ou que a realidade, se houver uma, é criada pelo discurso;
- 4- Cada discurso é integralmente ideológico e/ou inconsciente e integralmente cooperativo e interpessoal – para evitar a ideia de que o sujeito diz materializando as suas intenções e a de que o sujeito não tem nenhum poder de manobra e que o interlocutor concreto é irrelevante;
- 5- O falante sabe (integralmente?) o que está dizendo e ilude-se (integralmente?) se pensar que sabe o que diz (ou que só diz o que quer) – para evitar que desconheçam os saberes que os sujeitos acumulam em sua prática histórica e que se conclua disso que nada lhes é estranho ou desconhecido. (POSSENTI, 2002, p. 99)

Tomando o sujeito a partir desses princípios, Possenti esboça uma visão sobre o tema que equilibra dois posicionamentos teóricos relevantes. Compreendê-lo dessa forma significa dizer que o sujeito é sim passado pelo discurso, mas não é totalmente afetado por ele. Trata-se de um sujeito que sabe o que diz, mas que não pode controlar todo o seu dizer, pois devemos considerar que o sujeito está inserido dentro de uma estrutura linguística que, de certo modo, captura-o sem que ele possa intervir a todo instante. Dito de outra forma, para que o sujeito possa compreender ou produzir textos “não basta que ele ocupe um lugar; é necessário também que ele produza uma atividade”. (POSSENTI, 2002, p. 100)

Ao pensarmos o sujeito do diário, essa postura em relação ao sujeito como sendo algo a mais que um lugar por onde passa o discurso nos parece mais pertinente, pois acreditamos que há, sim, certa relação com o discurso possível, mas que ele também atua nesse discurso. O gênero diário pessoal permite que possamos observar essas várias faces do sujeito durante a produção do texto, como veremos a seguir, por ele ser mais maleável e deixar que o sujeito apareça.

Para esse gênero, seria inocente e impossível compreender um sujeito como “dono” de todo o seu dizer, pois, sabemos, muitos detalhes ditos podem não ter sido intencionais, de modo que há relativo “assujeitamento”. Na escrita de diários, por exemplo, é comum encontrarmos trechos rasurados, folhas rasgadas ou arrancadas que indicam que algo foi retirado da composição escrita. Isso nos leva a crer que o sujeito “falou demais” e não pode evitar esse fato, mas, ao perceber a atitude, desfez-se do engano, excluindo a narração indesejada da composição do seu diário. Nota-se, pois, em casos assim, um sujeito afetado pelo discurso. Por outro lado, o sujeito não está totalmente preso ao discurso, uma vez que ele pode decidir quais fatos deseja reproduzir na escrita, por exemplo. Isso nos faz perceber que é possível omitir alguns acontecimentos e enganar, de certo modo, o interlocutor do diário, demonstrando alguma consciência sobre o dito. Por essa razão, compreendemos esse sujeito a partir de uma intercalação entre o assujeitado e o psicológico de modo que hora ele é afetado e hora ele altera o dito, como sugere Possenti (2002).

4. As “faces” de K. e C.

Para as nossas análises, serão investigados diários escritos por duas autoras, em cadernos que não estão mais sendo confeccionados. Com isso, buscamos não influenciar no ato de produção de escrita diarística, já que o fato de termos em mãos cadernos completos não impossibilita que os autores prossigam com a sua escrita, em outros cadernos.

Quanto à composição do *corpus*, temos, em mãos, três diários pessoais escritos por essas autoras, sendo que dois correspondem à escrita de K. S. L. M., e o outro à escrita de C. R. B. Trataremos as duas escreventes pelas iniciais de seus nomes, K. e C.

K., nossa primeira escrevente a ser investigada, conta, atualmente, 25 anos e é estudante de nutrição. Ela iniciou suas atividades de escrita íntima durante a infância, assim que aprendeu a escrever e ganhou seu

primeiro diário. A autora não preservou seus primeiros escritos, os quais foram destruídos por ela mesma, mas manteve sua atividade de escrever sobre si.

C., nossa segunda escrevente, tem hoje 31 anos e está concluindo o ensino médio, por meio do Programa de Educação de Jovens e Adultos. C. iniciou sua escrita em diários quando somava 28 anos e vivenciava uma crise matrimonial. Até a presente data, a autora escreveu seu dia a dia apenas em dois cadernos e não se considera uma diarista muito fiel, já que se esquece de escrever diariamente. O caderno cedido para análise corresponde ao ano de 2013 e reconta as fases de uma crise matrimonial vivida pela autora e as mudanças de cidade que ela e a família vivenciaram.

Vejamos, então, o que nos revela o diário de K. Observamos, primeiramente, a formatação do gênero. Logo nas primeiras páginas, notamos a construção de uma escrita de diários com um estilo muito singular, não tão padronizado. A confecção do diário não apresenta a estrutura padrão em que normalmente se encontra a data no alto da página, o vocativo, a narração e a despedida. Nossa autora parece não se engessar nessa proposta do gênero; ao contrário, apresenta uma configuração que valoriza a narrativa em detrimento da forma, de modo que, à primeira vista, não se identifica um diário, nota-se, pois, o gênero, à medida que a narração acontece. Vamos observar essas características nas figuras, abaixo:



Fig. 1. Características da estrutura formal e ilustrativa do diário escrito por K.
Características da estrutura formal e ilustrativa do diário escrito por K.



Fig. 2. Características da estrutura formal e ilustrativa do diário escrito por K.
Características da estrutura formal e ilustrativa do diário escrito por K.

Podemos observar que, em uma mesma página, estão dispostas as narrações correspondentes a três dias distintos: quinta, sexta e sábado, na primeira imagem, e dia 24 e 25 (sexta), na segunda, como nós destaca-

mos. Notamos que a indicação dos dias correspondentes aos relatos ocorre de maneira muito sutil, de tal modo que se percebe a mudança dos dias no decorrer da leitura ou com um olhar mais cauteloso. Além disso, é importante destacar que não há qualquer evidência do mês ou do ano em cada relato; é preciso que o leitor esteja atento às narrações, pois a autora não se prende a estas questões, como geralmente se observa nos diários. Pelo contrário, para essa composição escrita, parece que a autora renunciou a alguns princípios comumente aplicados ao diário e criou os seus próprios, em que a data pode ser indicada somente pelos dias da semana, se ela assim o desejar; o ideal de que “cada narração deve comportar uma página diferente” não se aplica nessa escrita; não há necessidade de despedida ou introdução da narração.

Essa opção de estrutura formal não modifica a função do gênero que continua a contemplar o relato diário dos fatos vividos por alguém, no entanto indica um estilo do autor sobre o gênero. Sobre essa questão, Possenti (2001) considera que o estilo é da ordem da escolha, que é, por sua vez, compreendida como “efeito de uma multiplicidade de alternativas [...] diante das quais escolher não é um ato de liberdade, mas o efeito de uma inscrição” (POSSENTI, 2001, p. 17), ou seja, é consequência da exigência enunciativa.

A emergência de tal estilo composicional parece proposital e consciente, pois a autora conta que houve uma mudança na estrutura dos seus primeiros diários até os atuais. Segundo ela, os primeiros cadernos obedeciam a forma comum ao diário, mas com o tempo, essa questão foi abandonada com o seguinte argumento:

eu sempre tratei o diário como um amiguinho que não fala e não te responde, aí eu já começava a falar com ele como fala com um amigo mesmo [...] eu já ia falando aconteceu isso, aconteceu aquilo, não gostei, gostei [...] eu achava ‘meu querido diário’ muito estranho,

explica K., na entrevista posterior que fizemos com ela. Nota-se, pois, um sujeito consciente da sua escolha, não um sujeito que desconhece a forma tradicional do gênero. Opções de estrutura como essa são embasadas na fala de Lejeune que compreende que “cada um inventa seu próprio caminho nesse gênero do qual existem talvez modelos, mas nenhuma regra”. (LEJEUNE, 2014, p. 299). Ou seja, a estrutura não diz muita coisa ao diarista.

Outro fator que também está relacionado ao estilo da autora é o jogo de cores, desenhos e imagens que ela disponibiliza na escrita desse

diário. Retornemos às imagens anteriores. Nelas podemos notar que K. produz o relato no diário e, por cima do texto, inicia um trabalho ilustrativo por meio de palavras em destaque como “Jesus te ama”, na primeira imagem, a reprodução de símbolos como o chinês Yin Yang e o sexual 69, na segunda imagem, e os desenhos de corações e flores em ambas.

Outro fator característico da escrita de K. é a introdução de depoimentos durante o diário. Os exemplos abaixo ilustram essa ocorrência:

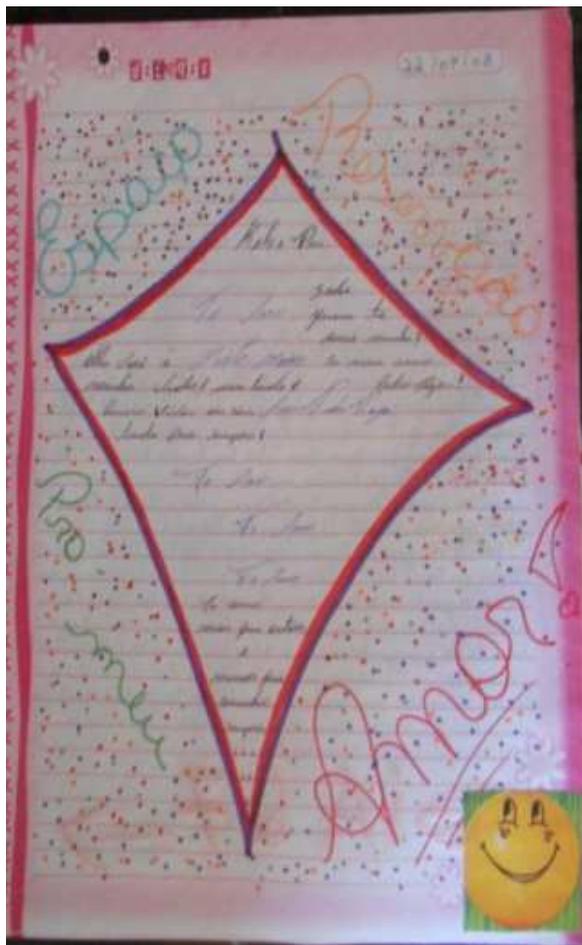


Fig. 3. Depoimento do namorado inserido no diário escrito por K. Depoimento da amiga e aproveitamento de espaço no diário escrito por K.

vado pro meu amor”. No segundo caso, a amiga escreve “Eu estive aqui. Te adoro d+ nega. Até junho”, e no final da página “Te amo”, frases que podemos notar por meio dos círculos que produzimos sobre o texto. A autora também preenche o espaço ao redor do depoimento dessa vez de forma diferente: ela reproduz o relato diário utilizando o espaço que sobrou. O fator mais interessante é que essa página comporta o final da narração do dia 21, toda a narração do dia 22 e o início do dia 23, mas em nenhuma delas a autora conta como a amiga escreveu naquele espaço. Na verdade, as narrações seguem o foco do “diário de uma paixão” e citam os acontecimentos relacionados com o namoro. Apenas em um momento a autora faz referência ao depoimento da amiga com a seguinte frase: “Fany! Foi embora!”, como podemos observar através do círculo do lado direito. Sobre esse fato, a autora diz que optou por reproduzir o relato no espaço vazio, seguindo um princípio de economia de páginas que ela tem com os seus diários, conforme ela mesma comenta, na entrevista: “eu ficava com pena de jogar aquele espaço fora então eu tinha que fazer alguma coisa: ou escrevia o diário mesmo, o que tinha acontecido, ou fazia desenhos, mas tinha que aproveitar o espaço! Odeio espaço em branco”.

Existe outro detalhe interessante nessa etapa na escrita de K.: a autora, mais uma vez, renuncia a um princípio comum do gênero: o sigilo. A sua prática não era secreta, pelo menos não aos amigos mais próximos e ao namorado. Ela nos conta a maneira como os depoimentos eram inseridos, na entrevista: “a única pessoa que ficou com o diário foi o P., agora as meninas era lá na minha casa. Elas pegavam as canetinhas e iam escrevendo”. Além disso, ressalta que permitia a escrita dessas pessoas para que pudesse ter uma lembrança delas e ter algo no seu diário, escrito por elas. Portanto, a autora vê essa quebra de sigilo de forma positiva, porque possui, no diário, o registro das pessoas que foram importantes na sua história.

A partir desses exemplos, pudemos observar que a escrita de K. se configura sobre uma ótica mais romântica, com uma visão de mundo igualmente romântica: as cores, os desenhos, as inserções escritas das amigas e do namorado, os destaques de frases, todos esses são bons exemplos dessa ocorrência.

A escrita de C., nosso segundo sujeito, adota um estilo diferente do anterior. Essas diferenças já começam a ser evidentes na composição estrutural do gênero. Vejamos, abaixo, como C. configura seu diário:

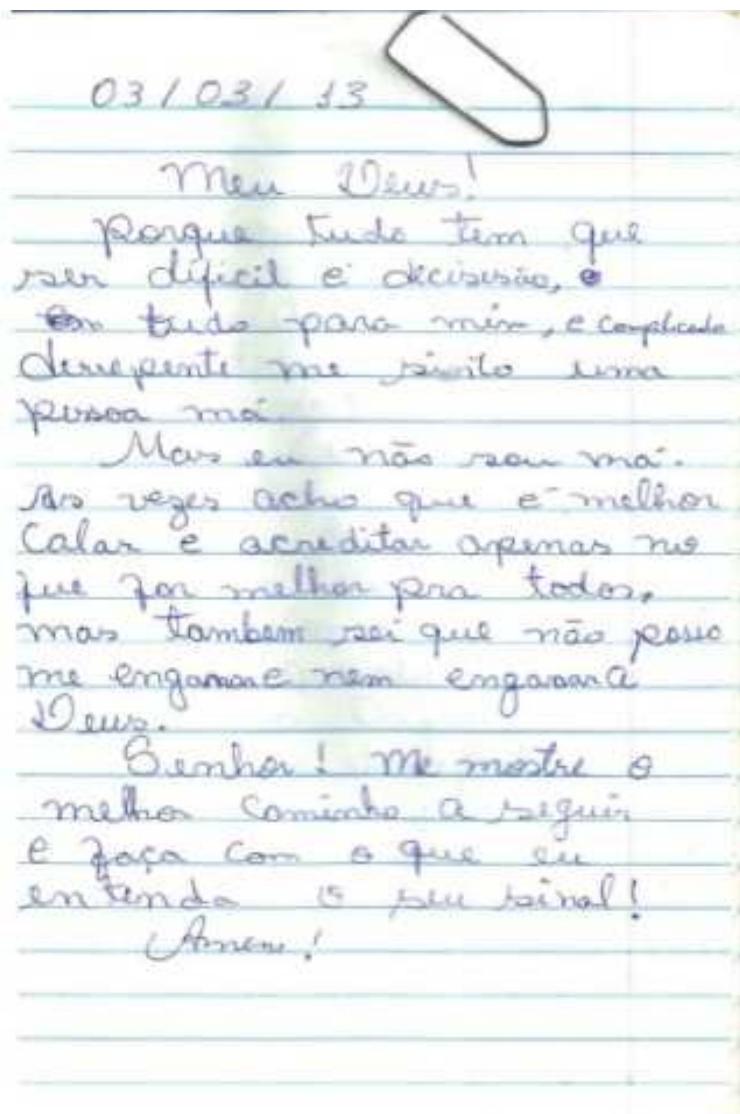


Fig. 5. Estrutura formal do diário escrito por C.

Imediatamente, notamos uma estrutura do gênero mais padronizada, por apresentar características mais tradicionais: folha de fundo branco, escrito apenas com caneta azul, não traz fotos nem ilustrações, apre-

senta uma estrutura composicional também mais prototípica, como datação escrita à mão, vocativo, relato do dia e despedida.

Embora a estrutura do gênero diário costume não ser rígida, o uso de vocativo logo após a data tem presença constante. Geralmente ele é direcionado ao próprio diário e costuma trazer expressões como “querido diário”. O vocativo escrito por C. nos chamou a atenção e nos convidou a olhar para esta página. Ele está direcionado a Deus: *Meu Deus!* Ao ler o conteúdo do texto que vem em seguida, vemos que ele faz uma reflexão sobre algo que C. não esclarece, mas que a atormenta, por isso ela recorre a Deus como confidente. C. termina o texto fazendo um pedido a Deus: para que Ele lhe mostre o caminho que deveria seguir, diante dos infortúnios daquele momento. A despedida também não é trivial: no lugar da despedida geralmente direcionada ao próprio diário, C. despede-se com “Amém”. Vemos que C. faz aqui uma oração, diferentemente das confidências sobre si que caracterizam o diário, pois ela conversa com Deus, expressando-Lhe suas aflições e incertezas perante a vida e fazendo-Lhe um pedido de ajuda. Ela própria confirma essa informação, na entrevista que fizemos com ela, posteriormente, questionando-a sobre esses momentos de sua escrita que recortamos para esta análise: “quando eu digo “Senhor”, normalmente, é o momento em que, naquela hora, eu estava falando com Deus. E é como se eu tivesse fazendo uma oração, só que aí, eu registrei”. Portanto, acreditamos que, neste momento, C. inclui em seu diário muito mais do que interpretações, opiniões, sentimentos e pensamentos; ela registra o âmagos de seu ser, ao falar com Deus.

Outro fator que nos chamou a atenção nessa escrita foi a inserção de poemas de autoria da diarista. Vejamos o exemplo dessa ocorrência, abaixo:

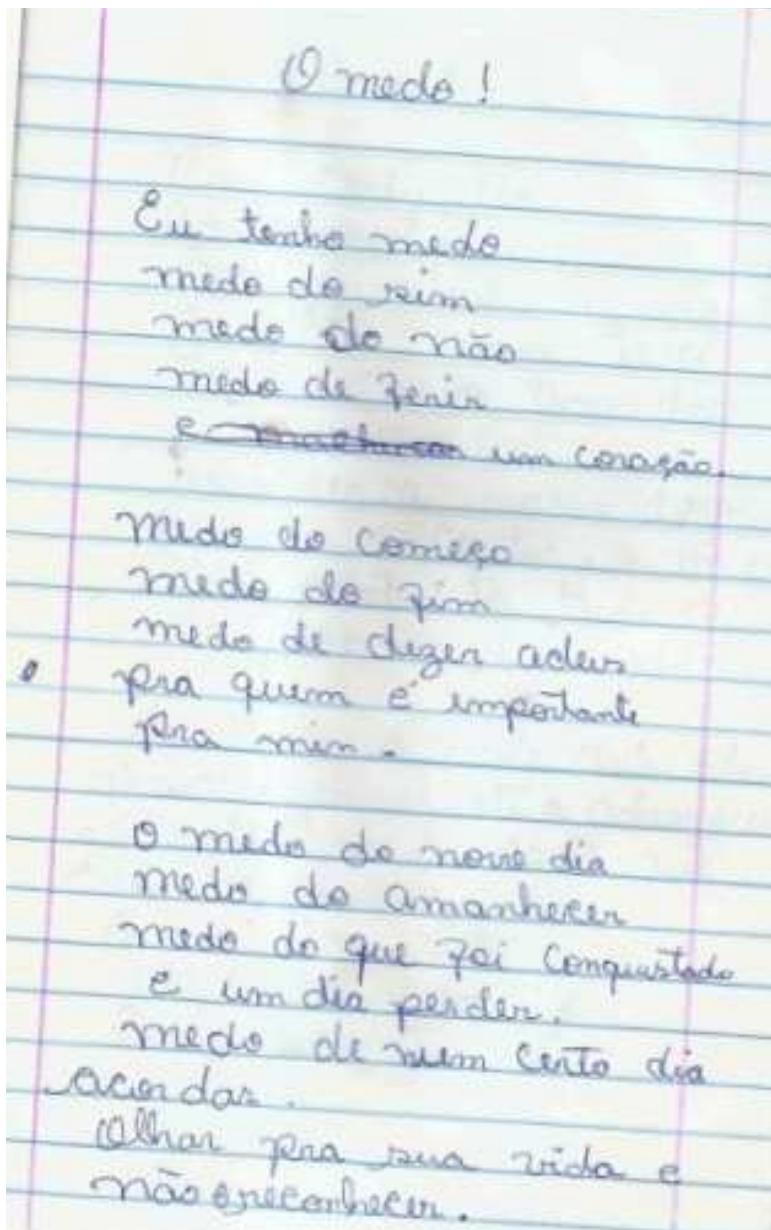


Fig. 6. Poema “o medo” escrito por C. no diário

O poema acima, intitulado “O medo”, foi escrito após o registro de uma conversa travada entre a autora e o esposo. Nessa conversa, eles trataram da possível separação conjugal e C. não consegue dar uma resposta ao companheiro. No poema, ela discorre sobre as razões pelas quais ainda não havia tomado a decisão final sobre esse assunto: basicamente, o medo de uma decisão equivocada. Nesse caso, C. se apropria do gênero poema como desabafo, afirmação, autoconhecimento, reflexão. Ele se une à função do diário de registrar os fatos marcantes do dia. É interessante ressaltar que muitos diaristas incorporam canções e poemas aos seus diários, mas geralmente esses textos não são autorais, como no caso de C. Os poemas escritos por ela também são compostos no ato da narração, como ela própria nos explica: “naquele momento mesmo, [e ele] não está escrito em outro lugar nenhum, então eu registro ali mesmo”. Além disso, C. esclarece que a incidência ou ausência de poemas “dependem do que eu estou pensando no momento”.

A partir desses dados, pudemos constatar que, para C., o diário atua como um “confidente” em quem são depositados os mais secretos sentimentos e as mais temidas angústias da autora.

5. Conclusão

Escrever textos íntimos é mais que uma decisão em registrar os fatos vivenciados por si mesmo; é, antes, uma forma de registrar a si mesmo, no sentido de que o escrevente registra sua personalidade. No caso dos diários pessoais, por exemplo, temos uma forma de escrita bastante reveladora: escreve-se diariamente, ou em curtos intervalos, sobre o que o sujeito viveu e isso faz com que muitos aspectos individuais sejam eternizados, senão todos – os gostos, os pensamentos, os receios, as alegrias e demais itens que constituem a personalidade do sujeito. Durante esse processo de escrita, algumas marcas da personalidade desse sujeito são registradas. A essas marcas, nomeamos como as “faces” do sujeito.

Nos casos analisados, nos deparamos com uma figura mais romântica, e outra mais reflexiva. Na escrita de K., encontramos, nas linhas dos diários, uma jovem sonhadora, romântica, apaixonada pela vida que levava. Vimos uma menina detalhista que marcou sua escrita com ilustrações e desenhos que “falavam sobre si e sobre suas memórias” e que “enfeitavam” sua escrita e, conseqüentemente, sua forma de ver a vida. Por fim, esbarramos com uma adolescente em fase de amadurecimento que vivenciava uma série de antíteses entre a fantasia e a realidade, a

verdade e a ironia. K. passa por fases distintas na produção do diário e essas fases permitiram que enumerássemos suas próprias “faces” a partir delas.

Na escrita de C. temos uma mulher escondida nas “faces” de mãe e esposa. Um sujeito que se encontra entre o dilema entre “ser ou não ser”. À medida que a autora vai guiando suas narrativas, também encontramos um sujeito afetado pela arte, assumindo a face de poetisa, que só existe entre as páginas do diário. Surge, também, uma face religiosa, responsável por transformar seu diário em uma espécie de “guia espiritual”. A escrita de C., apesar de adotar um estilo composicional mais padronizado, traz em si uma complexidade subjetiva peculiar por meio da qual o sujeito emerge por detrás das posições que assume no dia a dia.

Encontramos, pois, nessas análises, sujeitos diferentes, faces diferentes que foram eternizadas na escrita e que comportam traços da personalidade dos autores. Por meio dessas investigações, comprovamos nossa hipótese de que a escrita de diários diz mais do que o sujeito gostaria, mas que também diz o que ele gostaria. Isso faz com que reforcemos a emergência de um sujeito intercalado entre a intenção e a captura do discurso. O eu autobiográfico é, nesse contexto, como nos sugere Rimbaud “*je est un autre*”, ou outros que aparecem no texto, à medida que ele acontece.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KOCH, Ingedore V. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Org.: Jovita Maria Gerheim Noronha; trad.: Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

POSSENTI, Sírio. Enunciação, autoria e estilo. *Revista da FAEBA*, Salvador, n. 15, p. 15-21, jan./jun., 2001

_____. O sujeito fora do arquivo? In: _____. *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. Curitiba: Criar Edições, 2002.